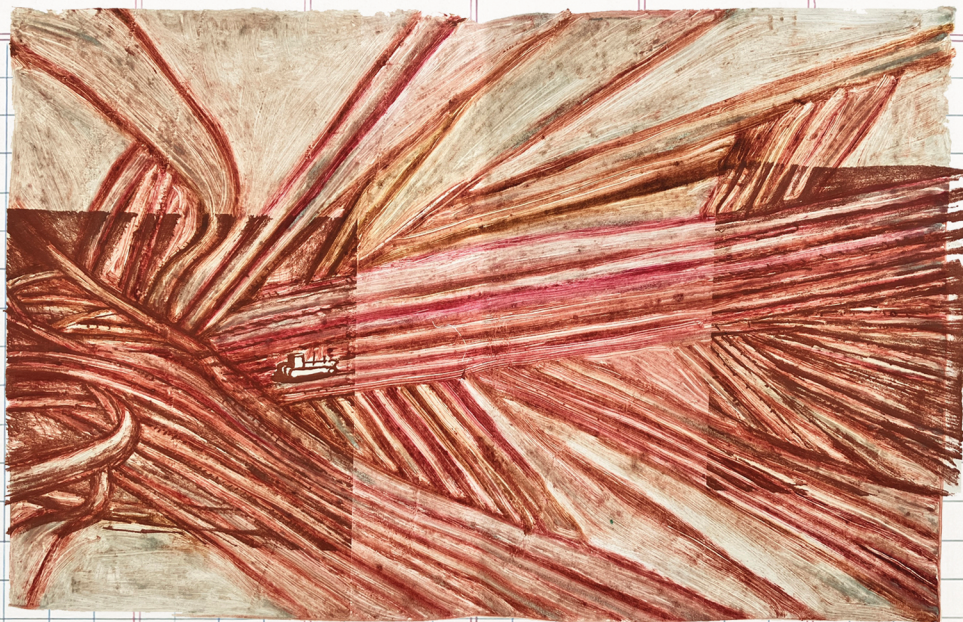


Realização



INSTITUTO PAVÃO CULTURAL

Apoio



A Carne de Gaia

Beá Meira

Curadoria Susana Oliveira Dias

Artistas convidadas:

Rayane Barbosa Kaingang, Larissa Ye'pa e Claudia Baré

○

Beá Meira experimenta as potências dos encontros entre artes e ciências em tempos de catástrofes, nos convidando a “ficar com o problema”, como propõe a filósofa Donna Haraway. Emergem do trabalho de Beá imagens que tocam A Carne de Gaia, que ganham intimidade como uma Terra viva, ativa e criativa, que nos convocam ao trabalho urgente de criar mundos habitáveis desde dentro das ruínas.

São desenhos, pinturas, carimbos, litografuras, tapeçarias e mokulitos que dão ver, sentir e pensar uma Terra danificada pelas ações antrópicas capitalizadas. Como perceber, novamente, a dura e criminosa realidade do garimpo, das queimadas, dos desmatamentos, dos derramamentos de óleo e das invasões dos territórios indígenas? Dar a perceber, de modo não catastrofista ou romantizado, é a operação sensível que Beá realiza.

Não recusamos olhar suas imagens, elas não são insuportáveis. Pelo contrário, elas nos engajam, reivindicam um corpo presente e ativo, conectado a esta Terra. Isso acontece porque esse engajamento não se dá pela sedução espetacular do dispositivo das mídias massificadas, mas por um entrelaçamento cuidadoso entre artes, ciências e políticas, que suspen- de os regimes perceptivos dominantes e os jogos de sentidos já dados.

A maneira como se apropria das técnicas artísticas e procedimentos das ciências, articulando poesias e métricas das paisagens, é um convite a pensar não apenas com as artes e ciências que já

○

estão aí, mas entre elas e com seus devires, suas relações e possibilidades porvir. Sentimos como a exposição é um caderno de contabilidade fabuloso, que não se recusa a medir, mas que interroga suas perspectivas antropocêntricas, colonialistas, tecnocráticas, gerenciais e modernizadoras, que nos trouxeram até os tempos atuais, até o Antropoceno ou o Capitaloceno.

Ao visitar a exposição habitamos territórios de alianças entre cadernos e mundos, entre cores e imagens de satélite, entre padronagens e mapas... Somos chamados a ver, sentir, pensar de novo e somos convocados a interrogar os modos habituais de fazer ver, sentir, pensar. E essas proposições envolvem colaborações com muitos – céus, terras, rios, plantas, cientistas, povos originários... –, que emergem no trabalho de Beá não como meros recursos, objetos ou materiais para as artes, mas como companhias vivas de criação.

Especialmente, também nesta exposição, o diálogo com os povos indígenas ganha expressão através de uma obra coletiva, feita com as artistas Rayane Barbosa Kaingang, Larissa Ye’pa e Claudia Baré, onde gentes-terras nos fazem entrar em contato com modos de existir simbióticos e responsáveis.

Susana Oliveira Dias
Labjor-Nudecri-Unicamp
Campinas, outono de 2024

1 Vivência-conceito

A carne de Gaia é o encontro com uma Terra viva, que tem uma linguagem, em que vidas e meios, naturezas e culturas, passados, presentes e futuros, estão emaranhados.



Tingimento com pigmentos da floresta



Cozinhando almas

nível de acordo com um zoom contínuo bem ordenado.⁹⁴ Gaia subverte os níveis. Não há nada de inerte, nada de benevolente, nada de exterior nela. Se o clima e a vida evoluíram juntos, o espaço não é um quadro, nem mesmo um contexto: *o espaço é o filho do tempo*. Exatamente o oposto do que Galileu havia come-

LATOURE, Bruno. Diante de Gaia, Oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo/Rio de Janeiro : Ubu Editora/ Atelier Humanidades Editorial, 2020



O corpo ativo de Gaia

Geologia e Biologia.

Sobre a interação entre os milhões de organismos vivos e o ambiente.

Monotipia e bordado com linha de tucum sobre tecidos tingidos com pigmentos da floresta.

72 cm x 90 cm.



Caderno de Estudos

Caderno A3 com 56 páginas com capa de madeira

feita com matrizes de mokolito.

Desenvolvimento de conceitos

e imagens a partir da viagem ao Rio Negro.

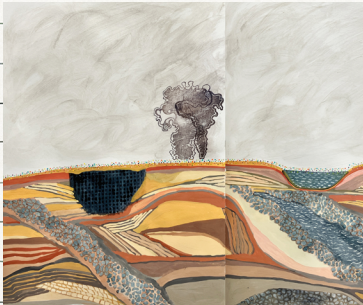
Alguns ensaios reúnem provas de gravura, montagens fotográficas e pinturas.

2 O Habitar Colonial da Terra

Este projeto surge de uma vivência no Rio Negro, onde sente-se tanto a pujança de vida da floresta e dos povos ribeirinhos e indígenas, quanto a violência gigantesca da exploração do garimpo, da mineração industrial e da derrubada da floresta.



Arqueólogos escavando sítio de Terra preta de índio



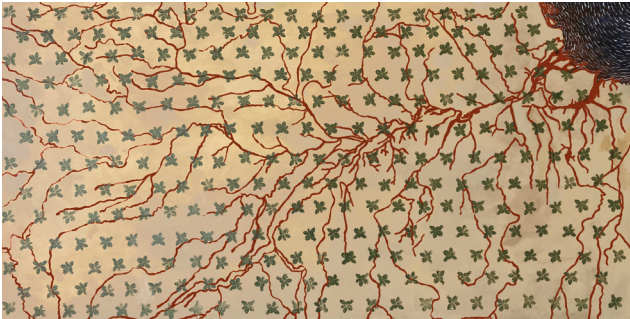
CO₂, micro plástico, terra preta e aquífero.

Em suas formas, em suas técnicas, em seus “meios” de produção, assim como em seus produtos, as *plantations* da Terra de hoje não são mais aquelas do século XVII. Para além da agricultura, as *plantations* assumem a forma de indústrias extrativas de minérios raros usados nos computadores e telefones celulares e de “*plantations*” terrestres e marinhas de poços de petróleo. Para manter esse habitar colonial, grupos inteiros de humanos e de não humanos são escravizados. O Plantationoceno assinala, assim, a globalização do habitar colonial da Terra e dessa subordinação do mundo à *plantation*: a produção global de uma Terra sem *manman* e de humanos sem Mãe Terra.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo Caribenho. São Paulo : Ubu Editora, 2022.



Mineroduto e desmatamento sobre terra preta
Estratigrafia de uma ex-floresta.
Acrílica sobre tela (100 x 50 cm)



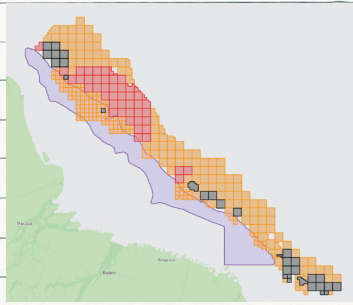
Plantationceno, o empobrecimento do mundo
Hectares, cercas e monocultura. Veias abertas da América Latina.
Acrílica sobre tela (100 x 50 cm)



Ervas daninhas, mamíferas e bípedes
Monotipia sobre Mokulito, 50 x 80 cm

3 A Biosfera

Eu tenho uma relação ancestral, amadora e de muito interesse com as ciências. São encontros que me fazem acessar e pensar em uma Terra em constante movimento e transformação. Dados, conceitos, fórmulas e gráficos científicos são disparadores de ideias e me ajudam a compostar os processos artísticos.



Banco de coral e petróleo na foz do rio Amazonas. Em exploração (cinza), em oferta (vermelho) e em análise (laranja).

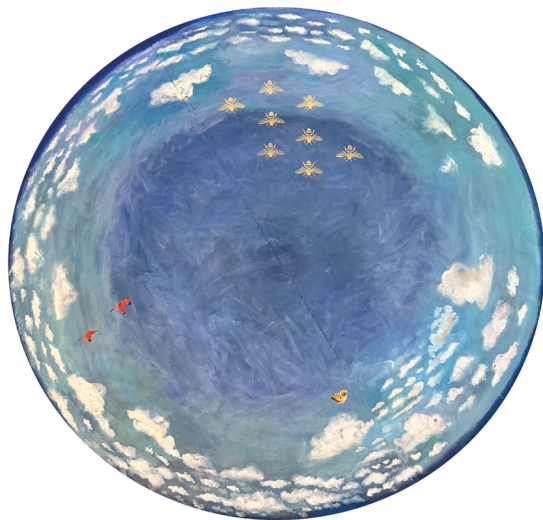
Fonte: Instituto Arayara



Assembléia polifônica da vida.

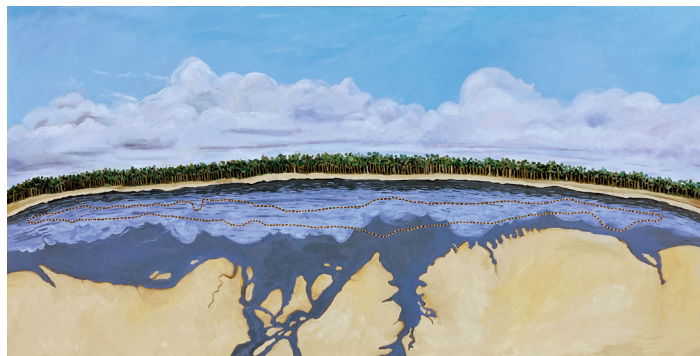
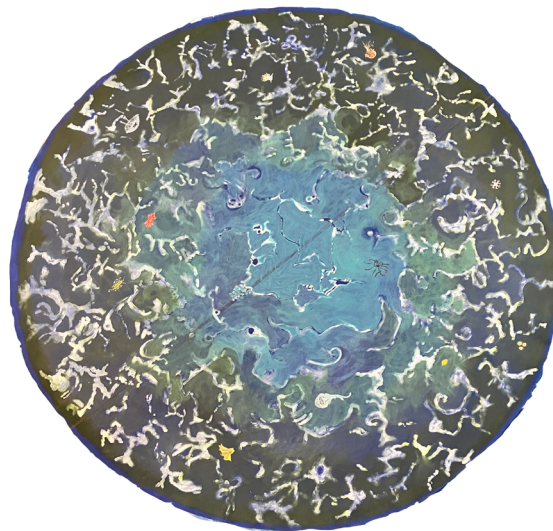
todo o planeta. Gaia, o sistema, é o resultado da interligação dos 10 milhões ou mais de espécies vivas que compõem seu corpo sempre ativo. Longe de ser frágil ou conscientemente irritável, a vida planetária é de extrema flexibilidade. Enquanto obedecem inconscientemente à segunda lei da termodinâmica, todos os seres buscam fontes de energia e alimento. Todos produzem calor inútil e resíduos químicos. Essa é sua

MARGULIS, Lynn. Planeta simbiótico um novo olhar para evolução. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2022.



**Biosfera:
atmosfera e
oceano**

20 km para todas
as vidas,
21% de oxigênio
e 3,4% de sal.
Acrílica sobre tela,
sobre lonas com
190 cm de
diâmetro



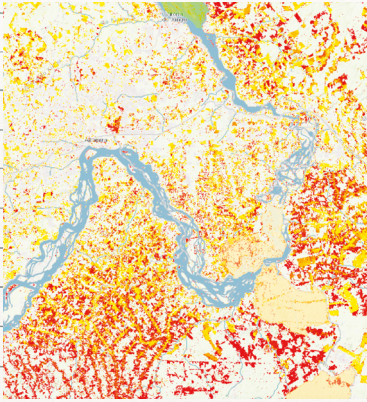
O grande recinto

A chegada.

O mundo fica cada dia
menor. Plantação marinha
de poços de petróleo
sobre coral, na foz do rio
Amazonas.

Acrílica sobre tela,
100 x 50 cm

4 Desmatamento da floresta



Desmatamento na volta grande do Xingu, RAISG.



Fogo na floresta

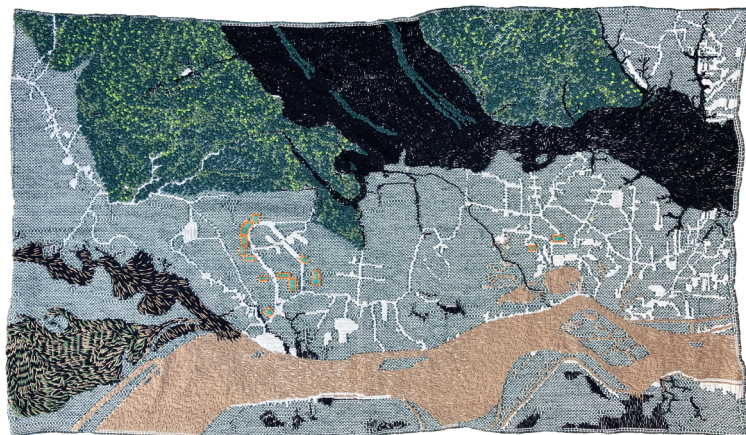
Eu gosto de observar a Terra viva desde muito cedo. E, por isso, a relação predatória com as máquinas me preocupa muito. Porque as máquinas, no sistema capitalista, são ferramentas de perseverar na destruição. Elas vão e voltam, insistem, e transformam toda a diversidade em uma coisa igual.

murcho, pois a água também está viva. É verdade. Se a floresta estivesse morta, nós também estaríamos, tanto quanto ela! Ao contrário, está bem viva. Os brancos talvez não ouçam seus lamentos, mas ela sente dor, como os humanos. Suas grandes árvores gemem quando caem e ela chora de sofrimento quando é queimada. Ela só morre quando todas as suas árvores são derrubadas e queimadas. Então restam dela apenas troncos calcinados, desmoronados sobre uma terra ressecada. Não cresce mais nada ali, a não ser um pouco de capim.

KOPENAWA, Davi;
BRUCE, Albert. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.



Projeto do tapete
Florestas abatidas.
Acrílico sobre papel 75 x 50 cm



Mesopotâmia
Registro do desmatamento na região do Rio Negro.
Tapeçaria, 240 cm x 140 cm

Estrada
Br 320,
trecho entre
os rios
Tapajós e
Xingu.
Tapeçaria,
50 x 200 cm



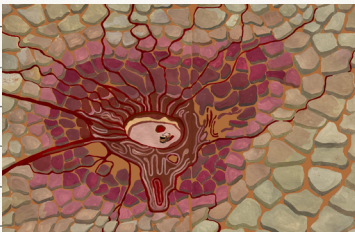
5 Potências controversas de agir



Ouro do garimpo



Represa de rejeito da bauxita.



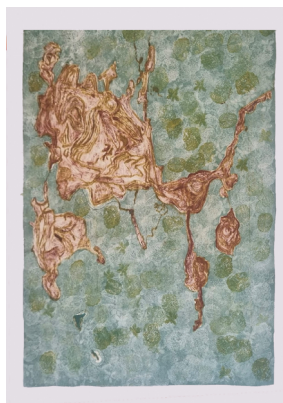
Pele ferida

As florestas testemunham, no meu trabalho, as feridas abertas pelo garimpo na Terra.

O garimpo é muito destruidor, é antidemocrático, é anticidadão. O garimpo é uma indústria criminosa que resulta de um megainvestimento do crime organizado.

de *plantation*. A *plantation* não se limita às fronteiras da propriedade rural ou da fábrica. Ela designa as injustiças espaciais globais, as relações de poder e de dependência entre lugares situados em diferentes pontos da Terra. Assim, a violência da *plantation* é confinada em um longínquo lá, enquanto os produtos finais são consumidos em um tranquilo aqui.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo Caribenho. São Paulo : Ubu Editora, 2022.



**Mineração industrial na
Amazônia**
Paragominas
Saracá
Carajás
Monotipias sobre mokulitos
70 x 50 cm



O deus das mercadorias

O ciclo do ouro nunca acabou no Brasil.

Libertar a humanidade do ouro. Acrílica sobre tela, 100 x 50 cm



Garimpo em terra indígena
litografia, 25 x 30 cm

6 Intrusão de Gaia

Estamos vivendo a intrusão efetiva do cosmos na política. A intrusão de uma diversidade de relações e modos de habitar os mundos que estão sendo ameaçados pelo caráter insustentável do desenvolvimento, progresso e crescimento econômico.



Seca no rio Tumbira,
foto Tadeu Rocha



Terra animada



Dramaturgia climática

N operação pragmática. Nomear não é dizer a verdade, e sim atribuir àquilo que se nomeia o poder de nos fazer sentir e pensar no que o nome suscita. No caso presente, trata-se de resistir à tentação de reduzir a um simples “problema” o que constitui acontecimento, o que nos atormenta. Mas também de fazer existir a diferença entre a questão imposta e a resposta a ser criada. Nomear Gaia como “a que faz intrusão” é também caracterizá-la como cega aos danos que provoca, à maneira de tudo o que é intrusivo. Por isso a resposta a ser criada não é uma “resposta à Gaia”, e sim uma resposta tanto ao que provocou sua intrusão quanto às consequências dessa intrusão.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes, resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo : Cosac Naify, 2015.



Óleo e gás

Canetas e tinta acrílica sobre papel, 95 x 70 cm



Plástico sobre caatinga

Acrílico e carimbo sobre papel, 70 x 50 cm

7 Perspectivas Indígenas

Essa arte representa as mulheres Kaingang e Terena, como todas outras etnias indígenas. Elas carregam o saber da ancestralidade e a proteção do corpo-território.

Rayane Kaingang



Mulher Bioma

Acrílica e sementes de açaí sobre lona
de 200 cm de diâmetro

seca, temos uma forte relação com o território. Certamente se perguntasse a várias pessoas se queriam ir morar em outra região, em um território mais bonito e com água em abundância, decerto diriam que não, porque não estamos à procura de um território mais bonito, preferimos continuar em luta para ter acesso aquilo que é nosso. A relação que temos com o território não é uma relação da terra como matéria, é uma relação ancestral do território como corpo e espírito.

XAKRIABÁ, Célia. O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação de memória por uma educação territorializada. Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2018.



**A nossa ancestralidade vive em nós,
não está no passado**

Claudia Baré

**Essa pintura apresenta a criação da humanidade
na versão dos povos indígenas do Rio Negro**

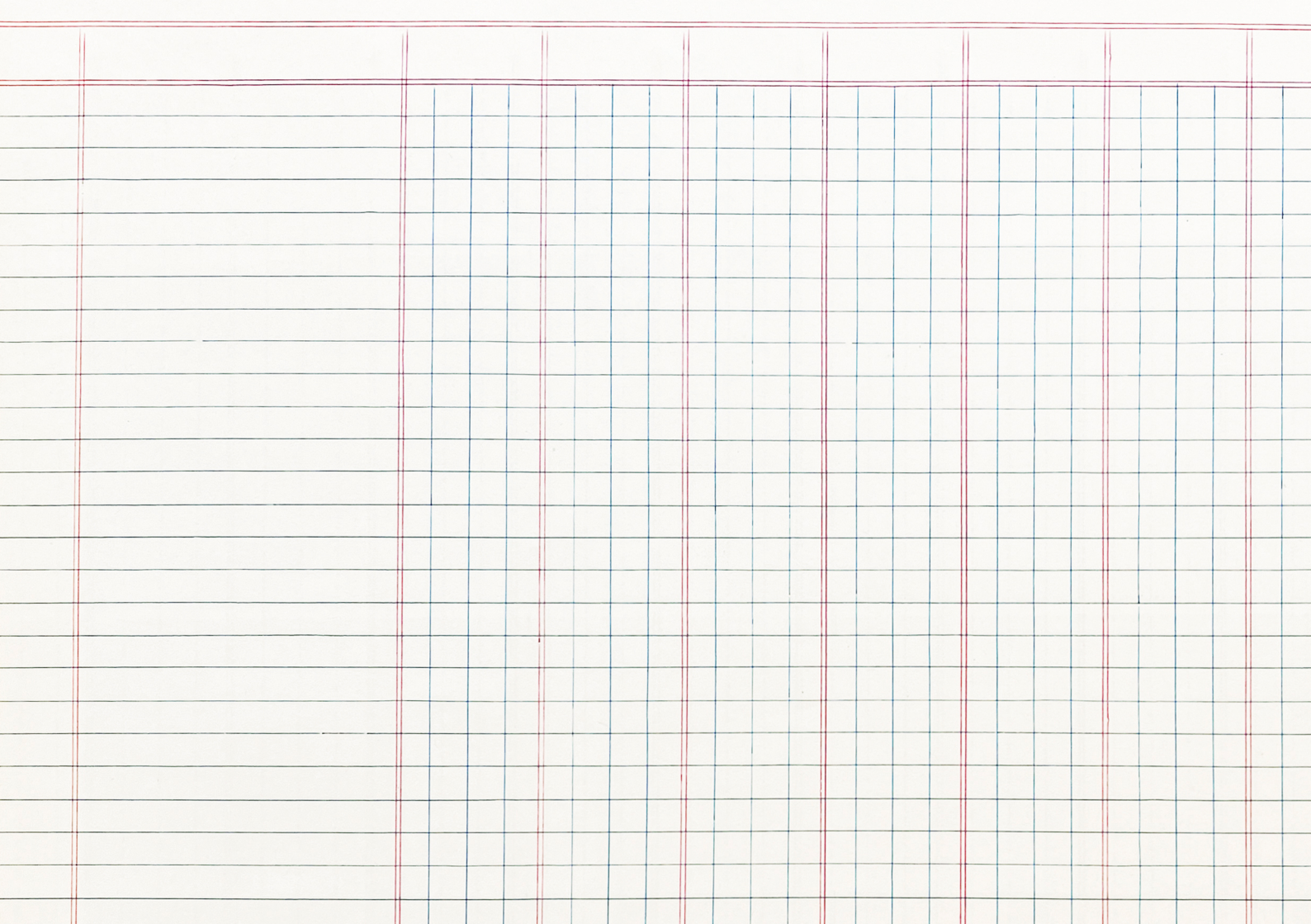
Larissa Ye'pa

Pamuri Mahsã
(Língua do povo Ye'pa Mahsã)

Mira etá uiri igará buya upé
(Língua Nheengatú do Povo Baré)

**Pessoas que vieram na cobra canoa
ou canoa da transformação**

**Acrílica sobre
algodão 450 x 150 cm**



A Carne de Gaia

Artistas convidadas

Claudia Baré
Larissa Ye'pa
Rayane Kaingang

Curadora

Susana Oliveira Dias

Mokolito

Realizado no atelier HF

Design gráfico

Beá Meira

Expografia e montagem

Pavão Arquitetura
Expografia Ltda

Produção

Teresa Mas e equipe
Instituto Pavão Cultural
Alan Coelho, Clarice Ariela,
Guilherme Curti Gomes,
Julia Pupim, Marcela Gonçalves e Mario Braga

Beá Meira

Beá Meira é arquiteta formada pela FAU - USP. Autora de materias didáticos de arte para o ensino básico, participou do PNL D de 2016 a 2024. Tem se dedicado de forma cotidiana a anotar reflexões visuais sobre o antropoceno em seus cadernos. Em 2021, iniciou o aprendizado de litogravura e mokolito. Participou recentemente da exposição *Paisagens Mineradas*, promovida pelo ICLT, na Matilha Cultural, em São Paulo.

Susana Oliveira Dias

Susana Oliveira Dias é pesquisadora do Labjor-Nudecri-Unicamp, professora do PPG Divulgação Científica e Cultural (Labjor-IEL-Unicamp), editora da Revista ClimaCom e sua participação como curadora desta exposição é uma ação do projeto "Perceber-fazer floresta: alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno" (Fapesp 2022/05981-9).

Claudia Baré

Ana Claudia Martins Tomas é indígena da etnia Baré, liderança indígena em Manaus, mãe, artesã, multiartista, professora indígena formada em pedagogia pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA), mestranda em linguística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp.

Larissa Ye'pa

Larissa Ye'padiho Mota Duarte é mulher indígena Ye'pa Mahsâ, mãe, multiartista e artesã, graduanda em artes visuais no Instituto de Artes (IA) da Unicamp.

Rayane Kaingang

Artista indígena Kaingang, graduanda do curso de pedagogia pela Unicamp, pesquisadora e artista do grupo multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações do Labjor-Unicamp, uma das editoras da revista ClimaCom.